

GES
PCP

O Militante

FOLHIM DE ORGANIZAÇÃO DO P.C.P.

ALGUMAS CONCEPÇÕES ERRADAS NA LUTA PELA PAZ

A importância da luta pela Paz começa a ser compreendida pelas organizações do Partido. Algumas organizações contam já um positivo trabalho de organização, agitação e mobilização contra a guerra e a política de guerra do governo salazarista. Todavia, em algumas outras organizações têm surgido ideias e concepções que prejudicarão todo o trabalho futuro, se não forem rápida e energeticamente combatidas.

Que ideias e concepções são essas?

A primeira concepção errada é a que nega pura e simplesmente a **justeza da luta pela Paz**. Os camaradas que a defendem argumentam, por um lado, que a guerra é inevitável; por outro lado, que só ela criará as condições objectivas para o derrubamento do imperialismo e do fascismo; e concluem daí que a luta pela paz não é justa na medida em que está adiando a guerra e, com ela, o desfecho vitorioso da nossa luta.

A maioria dos camaradas que defende esta ideia põe simplesmente a nu, apesar da sua linguagem esquerdista, a sua incapacidade ou o seu racio da luta.

A guerra generalizada e mundial não é inevitável. As forças da Paz crescem de tal forma e o horror dos povos à guerra é tão grande que poderão vir a neutralizar definitivamente a campanha imperialista de mistificação e de psicose de guerra (sem a qual ela é impossível) e a impedir uma última tentativa desesperada do campo reaccionário. Por outro lado, nas condições particulares do mundo de hoje, a guerra generalizada não é indispensável para a derrota do fascismo e do imperialismo. São antes os imperialistas e os fascistas que veem na guerra **única** saída para as suas insuperáveis dificuldades, para as suas contradições internas, para a crise que ameaça submergi-los, para o imprevisível levantamento dos povos coloniais e dependentes, para o seu crescente descrédito junto das massas dos seus próprios países, para o desequilíbrio de forças dia a dia mais favorável ao campo anti-imperialista. Não é incontestável que a luta pela Paz está destruindo um a um os pretextos ideológicos do campo reaccionário e reforçando enormemente a força dos combatentes anti-imperialistas por todo o mundo e muito particularmente nos próprios países imperialistas? Não é incontestável que a luta pela Paz está assim criando as condições, não só para impedir uma última aventura desesperada dos provocadores de guerra, mas ainda para dar-lhe o necessário correctivo, se essa aventura viesse a ser um facto? Se assim é, torna-se claro como é errada a ideia daquelas nossos camaradas.

A segunda concepção errada é a que pretende fazer depender a **luta pela PAZ da Comissão Nacional para a Defesa da Paz**. Os camaradas que a defendem argumentam, por um lado, que só a acção da Comissão Nacional dará à luta um conteúdo legal; por outro lado, que só a acção da Comissão Nacional tornará possível a coordenação das tarefas (centralização e entrega de assinaturas, redacção e distribuição de documentos, etc.); e concluem daí que, sem virem instruções da Comissão Nacional, pouco ou nada se



pode fazer.

A maioria das camaradas que defende esta ideia põe simplesmente a nu as suas tendências «legalistas» e oportunistas.

É certo que a criação da Comissão Nacional representa um importante passo da luta pela Paz no nosso País, na medida em que cria novos motivos de agitação e mobilização populares; é certo que essa Comissão deverá vir a realizar um trabalho que até hoje se não tem feito sentir. Mas é certo também que fazer depender desse trabalho «por cima» as tarefas gerais de defesa da Paz é simplesmente colocar a carroça adiante dos bois. Da mesma forma por que a orientação da Comissão Nacional só se tornou possível na medida em que foi realizado um prévio trabalho de esclarecimento, agitação e mobilização, da mesma forma só se tornará possível levá-la a encabeçar e a coordenar a luta pela Paz na medida em que **for chamada a fazê-lo**, em que for pressionada pelo trabalho «por baixo», em que for defendida da repressão fascista pelo apoio das massas. É por isso uma tarefa fundamental o envio de missões, abaixo-assinados e cartas de apoio aos membros da Comissão Nacional, tal como a ida de comissões junto da sua Comissão Executiva, informando-a do trabalho realizado e das tarefas em curso, e mostrando a necessidade da coordenação e da orientação geral dessas tarefas. Por outro lado, não é incontestável que a realização dessas tarefas é uma justa forma de mobilização das massas? E não é incontestável que é essencialmente a mobilização das massas que reforça a existência do movimento e defende a sua legalidade sob o regime arbitrário da ditadura fascista? Se assim é, torna-se claro como é errada a ideia daqueles nossos camaradas.

A terceira concepção errada é a que pretende centralizar no MND as tarefas da Paz. Os camaradas que a defendem argumentam, por um lado, que há falta de quadros, que há falta de pessoas capazes de encabeçarem em cada local ou empresa a luta pela Paz; por outro lado, que a luta pela Paz não é mais do que um aspecto da luta política legal contra a ditadura fascista; e concluem daí que ela deve ser encabeçada pelas comissões políticas legais, isto é, pelas comissões do M.N.D.

A maioria das camaradas que defende esta ideia põe simplesmente a nu o seu espírito de «facilitações» ou as suas tendências sectárias.

É certo que as democratas do MND, como democratas e como patriotas, compete participar na luta pela Paz; é certo que às comissões do M.N.D., dentro da tarefa de esclarecimento e propaganda, compete participar no desmascaramento da política de guerra de Salazar. Mas a luta pela Paz não interessa simplesmente aos democratas, mas a todos os portugueses honestos. A luta pela Paz vem permitir a mobilização duma imensa maioria de pessoas que não tem realizado qualquer acção política (certas camadas femininas, juvenis, católicas, militares, etc.) A essas camadas podemos e devemos ir buscar o grosso das organizações pró-Paz, certamente enquadradas por elementos operários, por democratas, por membros e simpatizantes do nosso Partido. Tudo está em sabermos falar a essas pessoas, em termos compreensíveis, em afastarmos de nós todo o sectarismo tóico, em compreendê-las de vez que o movimento pela Paz não interessa apenas os democratas. Não é incontestável que o encabeçamento da luta pelas comissões democráticas do M.N.D. seria um primeiro e gravíssimo obstáculo à mobilização dessas pessoas? Por outro lado, o M.N.D. tem as suas tarefas próprias, tarefas que são, objectivamente, lutas pela Paz, na medida em que desmascaram e desviam as forças do fascismo da política de guerra e da preparação para a guerra. Levá-las por diante a luta por eleições livres e pelas liberdades fundamentais, pelo apoio às eleições sindicais, pela extinção do Tarrafal, pela libertação da Comissão Central, continua a ser uma tarefa duma importância fundamental. E não é incontestável que o encabeçamento da luta da Paz pelas comissões do M.N.D., além de limitar a amplitude dessa luta, viria comprometer irremediavelmente a realização da tarefa fundamental do M.N.D.? Se assim é assim é, torna-se claro como é errada a ideia daqueles nossos camaradas.

É certo que a luta pela Paz apresenta sérias dificuldades sob o regime da ditadura fascista. É certo que elas são particularmente salientes nestas primeiras fases de organização e mobilização em que nos encontramos. Mas exatamente por isso são necessários mais do que nunca da parte dos combatentes de van-

guarda, da parte dos comunistas, uma vigilância muito grande e um combate sem tréguas a todos os desvios da linha política do nosso Partido.

INTENSIFICAR A ACTIVIDADE DO M.N.D.

Representa um reforço na luta em defesa da Paz

GES
PCP

Apesar das constantes investidas do fascismo e de várias tentativas para ilegalizar a actividade do M.N.D., este movimento, fiel continuador do M.U.D. e do grandioso movimento pela Candidatura do Sr. General Norton de Matos, mantém-se firmemente na vanguarda da luta por eleições livres, pelas liberdades fundamentais e pela independência nacional, correspondendo assim aos anseios do povo português na sua luta por um Portugal livre, democrático, próspero, independente e amante da Paz.

Não podendo esconder o seu ódio aos democratas consequentes, o salazarismo tudo tem tentado e tentará para dificultar a actividade do MND.

Mas se, por um lado, a actividade do MND não tem sido fácil em virtude da brutal repressão de que tem sido alvo e das manobras de divisão, que levou alguns oportunistas a fazerem o jogo do fascismo, também é certo, por outro lado, que várias deficiências tem havido na sua actividade que muito têm contribuído para as suas dificuldades presentes.

A má actuação de algumas das comissões existentes; a quase inactividade de outras e o desaparecimento de várias; as opiniões derrotistas manifestadas por alguns dos seus membros que de certo modo se deixaram influenciar por ideias oportunistas; a não continuidade na realização prática de algumas tarefas estabelecidas; e a falta de persistência no esclarecimento e mobilização das massas democráticas para a luta nas «eleições» das juntas de freguesia, divulgação dos cadernos reivindicativos e elaboração das listas populares, representa, sem sombra de dúvida, uma grave subestimação das possibilidades de organização e mobilização das massas democráticas do nosso povo pelo MND e enfraquecem, portanto, deste modo, a continuação da sua luta por eleições livres e pelas liberdades fundamentais, pela independência nacional e pela Paz.

Ao nosso Partido, às suas organizações, não pode ser estranha a existência destas deficiências, porquanto não têm sido discutidas e adoptadas, tal como a situação impunha que se fizesse, medidas práticas não só para se formarem novas comissões do MND, lá onde fosse possível, a experiência indica-nos que subsistem condições objectivas para a realização de tal tarefa—como, inclusivamente, impedir o desaparecimento de algumas, ou evitar, ainda, a inactividade de outras. Paralelamente, esta situação agravou-se porque se foi permitindo que os nossos militantes se deixassem vencer pelas dificuldades criadas à actividade do MND pela repressão desencadeada pelo fascismo e pelas ideias oportunistas de alguns democratas falhos de perspectiva. Semelhante situação exige que seja não só encarada e discutida, como a sua discussão deve permitir uma maior contribuição do nosso Partido no reforçamento da organização e actividade do M.N.D.

Com o aparecimento do Movimento Nacional Para a Defesa da Paz, para o qual o MND contribuiu grandemente em resultado da sua luta constante pela liberdade e pela democracia, surgiram algumas incompreensões da parte de vários democratas e até de certos membros do nosso Partido. Erradamente admitiram alguns que para maior incremento da actividade do MND as suas comissões se deviam transformar em comissões de Paz e que o MND se devia dedicar exclusivamente à luta em defesa da Paz, manifestando, assim, grave subestimação e incompreensão das suas tarefas específicas—luta por eleições livres e pelas liberdades fundamentais—**COMO SE A LUTA PELA DEMOCRACIA NÃO REPRESENTASSE UM VALIOSO CONTRIBUTO NA DEFESA DA PAZ E CONTRA A POLÍTICA DE GUERRA DA CAMARILHA SALAZARISTA.** Porém, se dentro do próprio

movimento e do nosso P. já foi possível vencer semelhante concepção, isto não significa que ela tenha sido totalmente eliminada e que, igualmente, tenham sido eliminadas as concepções oportunistas, derrotistas, assim como outras deficiências existentes.

Perante o aumento crescente da crise económica em que o fascismo lançou o país, com o seu cortejo de misérias, de fome e desemprego, apesar da recusa sistemática do governo salazarista em ouvir a voz do povo que reclama, desde há muito, a realização de eleições livres; apesar da intensificação desenfreada dos preparativos de guerra da camarilha salazarista e a aplicação constante de métodos de terror, de violência e de toda a espécie de arbitrariedades contra o nosso povo e, muito particularmente, contra o nosso P., abrem-se largas perspectivas de luta e de mobilização do povo português.

Para que a luta contra o fascismo seja conduzida a bom termo, é absolutamente indispensável a existência dum potente movimento legal de massas e sua consequente organização, sem o que a actuação a desenvolver não estará, indubitavelmente, à altura das circunstâncias.

Ao M.N.D. cabe papel importante no desenvolvimento e fortalecimento desta tarefa. E para que o M.N.D. esteja à altura de poder cumprir a sua tarefa é fundamental o reforço da sua organização—organização à altura da situação presente e profundamente ligada às massas. Deve fazer todos os esforços para revigorar e alargar a sua influência à escala nacional, transformar-se numa força aglutinadora das massas democráticas do nosso país, interessar e chamar ao seio do movimento a massa dos elementos republicanos, socialistas e outros que, continuando fieis à causa da democracia e à luta do nosso povo, se mantêm afastados mercê das posições oportunistas e de desvição de alguns dos seus dirigentes já hoje desacreditados aos seus olhos e aos olhos do povo português.

Mas, para tal, para que o movimento possa conseguir reforçar toda a sua organização, impõe-se, necessariamente, a renovação de algumas comissões existentes e a formação de novas comissões. Comissão formada, deve ser inevitavelmente, comissão a actuar, esclarecendo as massas democráticas do seu distrito, do seu concelho, da sua freguesia da sua empresa ou da sua classe sobre a política económica ruinosa seguida pela camarilha salazarista como uma das consequências da sua adesão ao escravizador plano Marshall; desmascarando a política de guerra do governo fascista de Salazar e o que representa para o nosso país a sua submissão e subordinação ao Pacto do Atlântico e aos fomentadores de guerra anglo-norte-americanos; mobilizando as massas democráticas e o nosso povo em geral contra a repressão e o terror desencadeados pelo fascismo contra o MND e as restantes forças anti-fascistas, pela libertação da Comissão Central, por uma ampla amnistia para **TODOS** os presos políticos e pela extinção do Tarrafal; levando as populações locais a intensificar a sua luta pela satisfação das suas aspirações, expostas ou não nos cadernos reivindicativos apresentados e divulgados quando das «eleições» para as juntas de freguesias, pressionando para isso as juntas nomeadas pelo fascismo; **APOIANDO E AUXILIANDO AS CLASSES TRABALHADORAS NA SUA LUTA PELA REALIZAÇÃO DAS ELEIÇÕES SINDICAIS E NA ELABORAÇÃO DAS SUAS LISTAS DE UNIDADE** e na sua luta contra o desemprego e por melhores salários **APROVEITANDO O PERÍODO DE RECENSEAMENTO (EM VIGOR ATÉ 15 DE MARÇO PRÓXIMO,) TORNANDO-O NUM POTENTE MOVIMENTO POPULAR, LEVANDO TODOS OS DEMOCRATAS, TODO O POVO EM GERAL, A NELE SE INSCREVER E A EXIGIR O DESAPARECIMENTO DAS PEIAS BOROGRÁTICAS E TODAS AS DIFICULDADES CRIADAS PELO FASCISMO.** Intensificando a luta pelo desmascaramento da revisão da constituição, enviando abaixo assinados, cartas, telegramas, postais e outras formas de protesto à Assembleia Nacional; participando ao lado do nosso povo na sua luta em defesa da Paz e pela proibição incondicional



da bomba atômica, auxiliando a recolha de assinaturas e a formação de comissões de defesa da Paz e intensificando **CADA VEZ COM MAIS VIGOR A LUTA POR ELEIÇÕES LIVRES, PELAS LIBERDADES FUNDAMENTAIS E PELO TRIUNFO DA DEMOCRACIA EM PORTUGAL.**

A realização prática destas tarefas permitirá ao M.N.D. não só o reforço da sua organização, maior influência e grandes possibilidades de defesa, porque se manterá ligado às massas atraídas por uma ampla rede de comissões, como também mais serão as condições de poder contribuir e reforçar a luta do povo português na defesa da Paz, pela proibição das armas atômicas e contra a política de guerra do governo de traição nacional de Salazar.

Ao nosso Partido, às suas organizações e aos seus militantes, cabe grande responsabilidade na realização prática das tarefas do M.N.D. sua reorganização e consolidação, seu alargamento e maior influência à escala nacional. Os comunistas devem dar provas de combatividade e de espírito de iniciativa na mobilização das massas para a luta em defesa da legalidade do M.N.D. devem pela sua actividade impulsionar e estimular todas as acções do M.N.D. na sua luta pela conquista da Democracia e defesa da Paz.

ANTE A PROPAGANDA IDEOLÓGICA DOS ATEADORES DE GUERRA

Há que opôr uma intensa propaganda de Paz!

Em todos os países capitalistas e particularmente nos países de governos marshalizados, os imperialistas anglo-norte-americanos levam a cabo uma intensa propaganda ideológica, intimamente ligada aos planos sinistros do desencadeamento duma nova guerra. As mais aviltantes calúnias, a apologia do racismo e ódio à humanidade, a apologia da inevitabilidade duma nova guerra, a psicose atômica e guerreira, o embrutecimento dos povos, todas estas «teorias» são propagadas através da imprensa, rádio, literatura, cinema e igreja.

«A bagagem ideológica da propaganda dos ateadores de guerra e seus cúmplices—disse Souslov—é extremamente simples, o que não exclue contudo, o ser profundamente má. Em que consiste essencialmente esta bagagem? Fazer o elogio do «modo de vida americano», e da democracia burguesa; prégar a superioridade da raça anglo-saxónica, derramar um caudal de mentiras e calúnias desenfreadas contra a U.R.S.S. e os outros Estados amantes da Paz, prégar o cosmopolitismo e a renúncia à soberania nacional para quebrar a vontade dos povos de se oporem aos atentados dos imperialistas anglo-americanos.

«Um dos principais meios de formar ideologicamente os países americanizados» consiste em inundá-los de romances policiais americanos, e de filmes de Hollywood, onde os gangsters, os assassinos, os sádicos e os sedutores, os hipócritas e trapaceiros, são invariavelmente os principais heróis. Este género de «arte» e de «literatura», corrompe e embrutece o leitor e o espectador». (M. Souslov à Conferência do Bureau de Informações, Novembro de 1949.)

No nosso país, a quase totalidade da grande e pequena imprensa legal não tem um carácter informativo e esclarecedor, mas antes desinformativo e falsificador das realidades. Ela encontra-se ao serviço dos fomentadores de guerra. Oculta e desvirtua as lutas dos povos pela Paz, e pela Democracia, a política de Paz, a ascensão económica, social e cultural da U.R.S.S. e os países das Democracias Populares e até os progressos da técnica socialista.

Não é sem razão que os ateadores de guerra consideram a sua intensa propaganda ideológica como uma das suas principais armas. Ela



tem influenciado e tido efeitos perniciosos em muitas e muitas pessoas sinceras mas de consciência mal formadas, em pessoas vacilantes e falhos de confiança no futuro e na luta dos povos. Em elementos da pequena burguesia ou dela oriundos que navegam ao sabor dos ventos, que davam vivas quando os americanos recuavam na Coreia e caem no desespero quando eles avançam. Tais pessoas acreditam que foi a Coreia do Norte que invadiu a do Sul e não o contrário, isto é que foram os manequins de Syngman Rhee, instigados e apoiados pelos americanos, tal como ontem acreditaram que foram os russos e não os alemães que intervieram na guerra civil espanhola. Tais pessoas duvidam da politica da U.R.S.S., de defesa intransigente da Paz e não interferência nos assuntos internos dos outros povos, como foi comprovado nas guerras civis da China, Grécia e agora na Coreia, e onde intervieram em todas elas os imperialistas americanos. Tais pessoas incrédulas, até acreditam nos «benefícios» do «Plano Marshall» e no «socialismo» de Atlee e Bevin, etc., etc.

Porém, o mais grave é que muitas destas pessoas dizem-se e são reconhecidos como comunistas, quando na realidade estão imbuidos de concepções estranhas ao marxismo-leninismo. Eles acreditam na propaganda ideológica da reacção mundial e não ciêm ou não se preocupam em ler aquilo que se diz na imprensa do nosso Partido.

Estes exemplos—se mais não houvessem—indicam-nos a necessidade de o Partido realizar um intenso e paciente trabalho de esclarecimento não só dentro das nossas fileiras mas junto de todos os democratas, de todo o nosso povo. Para isso impõe-se utilizar todas as possibilidades por mais pequenas que sejam. Apesar da existência da censura salazarista é possível realizar em alguns jornais e publicações legais, um trabalho de esclarecimento progressivo, de defender a Paz e a Independência Nacional, de lutar contra os fomentadores de guerra e contra a «americanização» do País. Os próprios jornais e boletins internos das colectividades, grupos desportivos, fábricas, escolas, etc. (que estão isentos de censura) podem e devem dar uma grande contribuição neste trabalho de esclarecimento. Por outro lado há que intensificar as tarjetas, manifestos, e inscrições nas paredes, muros, estradas, em todas as localidades e locais de trabalho e estudo.

Paralelamente há que lutar pelo desmascaramento e boicotagem da imprensa, rádio, cinemas, etc, que se encontram ao serviço dos fomentadores de guerra. É incompreensível, por exemplo, que ainda existam comunistas que lêem e divulgam as selecções do «Readers Digest», a «Vida Mundial», «Século Ilustrado» e outros jornais e publicações inteiramente ao serviço do imperialismo americano e da preparação para a guerra.

No combate contra a propaganda ideológica da reacção mundial, tem um papel de vanguarda a imprensa clandestina. O nosso Partido, apesar da feroz perseguição salazarista, apesar da apreensão duma tipografia pela policia tem realizado um grande esforço que lhe permitiu não só manter a publicação regular do «Avante» como até exceder o ritmo e número das publicações. Presentemente têm uma tiragem regular e até melhorada as publicações do Partido e anti-fascistas: «Avante», «Militante», «Camponês», «Ribatejo», «Oeste», «Informações» e mais irregularmente o «1 de Janeiro» e «O Expresso».

Contudo, há comunistas que dizem não necessitarem de ler a imprensa do nosso Partido pois, dizem, «já sabem tudo», nada vem lá que já não saibam, etc. É evidente que estas pessoas não estão em condições de compreenderem o grande esforço do nosso Partido em assegurar, aumentar e até melhorar a sua imprensa, nem compreendem o seu importante papel de esclarecimento e orientação do nosso povo. Além disso há camaradas que armazenam a imprensa, não a distribuindo ou fazendo-o tardiamente, com grave prejuizo para a luta do nosso povo.

A imprensa clandestina é, nas condições particulares do nosso País, a voz da resistência organizada ao fascismo salazarista e fomentadores de guerra, é a via através da qual o povo português encontra expressões

os seus anseios mais queridos, onde são registadas as suas lutas e o caminho a ser trilhado por todos os portugueses no combate sagrado de defesa da Paz, da Democracia e Independência Nacional. Daí a sua grande tarefa, o seu papel de vanguarda, e a necessidade imperiosa de a divulgar amplamente por todas as camadas da população. A imprensa do nosso Partido e anti-fascista que se encontra incondicionalmente ao serviço da Paz e da Democracia deve ser dada não apenas aos comunistas e anti-fascistas organizados, mas a todas as pessoas honestas. Nenhum dos seus exemplares deverá ser destruído. Eles deverão, depois de lidos, ser dados a outras pessoas, enviados pelo correio, metidos por debaixo das portas, atirados à rua, etc.

É tarefa de todos os democratas e particularmente dos comunistas intensificarem a divulgação da imprensa clandestina, como uma das formas de neutralizar a propaganda ideológica da reacção e dos fomentadores de guerra e paralelamente conseguirem a adesão de novos aliados. Para tal, impõe-se tomar medidas concretas para que não exista uma pessoa honesta e honesta num fábrica, localidade, escola, no campo, no escritório que directa ou indirectamente não receba imprensa clandestina. No nosso país, existem milhares de pessoas que desejariam receber regularmente o nosso «Avante», não sabendo contudo quem lho fornece.

Por outro lado há que intensificar a recolha de fundos em auxílio da imprensa clandestina, a imprensa da Paz, da Democracia e Independência Nacional, constituindo «Grupos de Amigos» do «Avante», do «Camponês», «Ribatejo», «31 de Janeiro», etc., etc.

SÔBRE A EXPULSÃO DO TRAIADOR JOSE MARTINS! NO PARTIDO NÃO CABEM OS VACILANTES E OS COBARDES

Em Março de 1950 foi expulso ao Partido como traidor o ex-funcionário José Martins. A Direcção do Partido tinha já em Março elementos suficientes para o expulsar como traidor. Entretanto, a Direcção do partido sublinhava nessa altura que aguardava novas informações para se pronunciar mais largamente sobre os vários aspectos da sua traição. Hoje, já na posse de elementos suficientes, a Direcção do Partido pode comunicar que as casas do Partido indicadas na nota da Pide publicada nos jornais de 8/2/50 foram na sua quase totalidade denunciadas por José Martins.

José Martins traiu o Partido, a classe operária e o povo Português denunciando à polícia todas as casas que conhecia e nas quais o Partido tinha instalado as suas tipografias ou onde tinham vivido camaradas com tarefas técnicas de que José Martins foi o responsável em tempo. Todas essas casas tinham sido evacuadas menos a de Paialvo, onde José Moreira ainda vivia. Pela traição de José Martins, a Pide ficou com a ideia de que o camarada José Moreira estava em contacto com a tipografia do «Avante!». E a Pide, não conseguindo arrancar ao heróico José Moreira o local da tipografia, assassinou-o por espantamento e torturas.

Hoje, a direcção do Partido tem informações seguras de que José Martins entrou no caminho da traição logo após a sua prisão. Três dias depois de ser preso, José Martins, de acordo com a polícia, era azeiteado com a funcionária do Partido Casimira Silva, a quem colocava a questão de esta fazer determinadas declarações sobre a sua identidade, pois de nada valia esconder esses factos à polícia.

José Martins alega agora que há um período após a sua prisão em que perdeu o uso da razão e não se lembra do que fez ou disse. Deixa assim antever que lhe teria sido aplicada qualquer injeção ou droga e que por isso perdeu o uso das faculdades mentais; José Martins continua por esta forma o seu trabalho de provocação, alimentando a teoria de que existem drogas capazes de fazer falhar os presos contra sua vontade. Tal teoria, que já foi desmascarada pelo Partido

como falsa e derrotista, serve de desculpa aos traidores e favorece o fascismo, porque mina a sã compreensão de que um homem honrado e digno pode suportar todos os tormentos até à morte sem fazer qualquer declaração à polícia. Os exemplos dos camaradas presos ultimamente são o desmentido categórico dessa teoria derrotista e provocatória. Alvaro Cunhal, Militão Ribeiro, Francisco Miguel, Manuel Rodrigues, António Dias Lourenço, Joaquim Campino, José Maria do Rosário, Jaime Serra, Guilherme da Costa Carvalho, Georgette Ferreira, Eusébio Lopes, Colúbia Fernandes, Luzia Campino, Luíza Rodrigues, Sofia e Mercedes Ferreira, e outros camaradas a quem a Pide não conseguiu arrancar qualquer declaração prejudicial, são a prova irrefutável de que não existem tais drogas e que um comunista pode, como o demonstrou o heróico exemplo de Militão Ribeiro, Secretário do Partido, sofrer todos os tormentos até à morte, sem fazer qualquer declaração prejudicial ao Partido, à classe operária e ao povo.

A traição de José Martins é um exemplo que todo o Partido deve ter presente para aguçar-nos a vigilância de classe e depurar o Partido de elementos vacilantes e cobardes. Esta experiência mostra-nos que não é suficiente ouvirmos garantias verbais de que se formos presos teremos um porte digno. É necessário mais. Precisamos de ver se cada camarada está disposto a dar até à última gota do seu sangue, se tem confiança no Partido e na classe operária, se tem consciência de classe e a certeza da vitória da causa do comunismo. Os camaradas que revelem vacilações a este respeito não estão em condições de se manter firmemente perante a polícia. Devemos ajudá-los a vencer as suas incompreensões mas, se mesmo assim continuarem vacilantes, prestaremos um bom serviço ao Partido e à luta afastando-os de membros do Partido e retratando-lhes todas as tarefas ilegais e conspirativas. Precisamente porque J. Martins é um pequeno-burguês sem consciência de classe, ele transformou-se num traidor ao primeiro embate sério com o inimigo. Precisamente porque, estas condições faltaram aos traidores Augusto de Sousa, Brito do Amaral, António Judice e outros, eles traíram o Partido e a causa da Democracia e da Paz.

O Secretariado do C.C. do P.C.P.

NÃO CONSEGUIRÃO FAZER RECUAR A HISTÓRIA DO CAMINHO PARA O DERRUBAMENTO DO FASCISMO (DUARTE)

A reacção cria dificuldades e perigos para as liberdades e para a Paz. Mas, apesar das suas conspirações e manobras, dos golpes de estado e actos terroristas que fomenta, de acções militares e intervenções, não conseguirá arrancar aos povos as conquistas democráticas para as quais os povos verteram o seu sangue, não conseguirá realizar o seu sonho duma agressão vitoriosa contra a URSS. Mas pergunta-se: **ESTÁ AFASTADO O PERIGO DESSA 3ª GUERRA MUNDIAL TÃO DESEJADA PELA REACÇÃO E PARA A QUAL TÃO INTENSAMENTE TRABALHA ESTÁ AFASTADO DEFINITIVAMENTE O PERIGO DUMA NOVA AGRESSÃO CONTRA A U.R.S.S.? NÃO, ESSES PERIGOS NÃO ESTÃO AFASTADOS.** Como sublinhou Stáline, «a guerra eclodiu como um resultado inevitável das forças económicas e políticas mundiais sob a forma do capitalismo monopolista contemporâneo.» O capitalismo monopolista encerra as contradições que podem engendrar uma nova guerra. Mas a guerra não é uma fatalidade. **OS POVOS PODEM, PELA SUA LUTA, AFASTAR A AMEAÇA DA GUERRA. A UNIÃO DAS CLASSES TRABALHADORAS, E DE TODOS OS POVOS AMANTES DA PAZ, A EXISTÊNCIA DUMA COOPERAÇÃO INTERNACIONAL E DUM VERDADEIRO SISTEMA DE SEGURANÇA COLECTIVA, A DERROTA EM CADA PAÍS DAS FORÇAS REACCIONÁRIAS E FASCISTAS FOMENTADORAS DA GUERRA, A SOLUÇÃO DO PROBLEMA COLONIAL EM BASES DEMOCRÁTICAS E DO PROGRESSO SOCIAL, PODEM AFASTAR A AMEAÇA DA GUERRA.** E a nossa luta para banir o capitalismo e o imperialismo terá um dia como prémio acabar definitivamente com as guerras.